

1ª Feira de
Zimpoeira
2016

ECONOMIA

PAREDES DE COURA

É um festival de estrangeiros e de dinheiro que invade Coura

A vila de Paredes de Coura é pequena e rural. Mas na penúltima semana de Agosto, está cheia de carros e tendas. Os agricultores lavram a terra e cobram bilhetes para estacionamento, os restaurantes reforçam as equipas e os quartos esgotam.

BRUNO SIMÕES

brunosimoes@negocios.pt

É preciso andar muito depois de sair da auto-estrada A3 para chegar a Paredes de Coura. E a estrada está repleta de curvas e contracurvas. Em dias de festival, os carros começam a estacionar na bermada da estrada ainda em Formariz, a freguesia imediatamente antes da sede de concelho. Para quem quiser estacionar mais perto, mas sem ser em cima do passeio, há outras opções: ou no centro, bem lá em cima, ou nuns terrenos junto ao início da Avenida Cenon, onde se vira para o recinto.

Dois agricultores, marido e mulher, estão a lavrar esses terrenos, mas interrompem a tarefa para cobrar o estacionamento de um Citroën cinzento conduzido por uma jovem. O estacionamento está anunciado num cartaz de cartão caseiro, preso a um esteio. "Estão todos legais, não há nenhum que não passe recibo", certifica o presidente da câmara, Vítor Paulo Pereira. A vila de Coura tem muita indústria mas também é rural. E por isso a organização do festival teve, este ano, que negociar com os proprietários dos terrenos na margem direita do rio a extensão do campismo, com estes a receberem dinheiro pela ocupação do espaço.

Estes são alguns dos pequenos negócios que o festival de música Paredes de Coura potencia na pequena vila de pouco mais de nove mil habitantes. É assim há 22 anos, desde que em 1993 um grupo de amigos de uma pequena e remota terra do Alto Minho se lembrou de fazer um festival de música. Em Agosto, a vila recebe dezenas de mi-



Pedro Elias

O festival Paredes de Coura esgotou este ano pela primeira vez em todos os dias. O cartaz deu uma grande ajuda.

lhares de festivaleiros, que colocam a terra no mapa e enchem as caixas registadoras do comércio local. A edição deste ano bateu todos os recordes e, com Tame Impala ou TV on the Radio no cartaz, conseguiu esgotar todos os dias, algo inédito – 25 mil pessoas vezes quatro, um total de 100 mil pessoas.

Não é um exclusivo de Paredes de Coura, naturalmente – em Sines, Zambujeira do Mar, Gaia ou Oeiras, as respectivas economias também colhem os louros dos festivais que lá se organizam. Mas será difícil que haja uma simbiose entre a vila e o festival como em Coura.

Sem festival, há negócios que já tinham fechado

O Negócios foi tentar quantificar o impacto do festival no comércio local. Uma tarefa dificultada pelo facto de não existir um estudo de impacto económico, reconhece o au-

tarca. O que Vítor Paulo Pereira tem para apresentar é o que lhe dizem os comerciantes. "O impacto é sobretudo na restauração e no alojamento. Uma casa com três quartos pode ficar por mil euros. Sabemos que o impacto económico é brutal e que muitos negócios já tinham fechado sem o festival", reconhece. Por outro lado, "há todo um mercado de economia informal nas freguesias do concelho" que não entra nas estatísticas.

O proprietário do restaurante Miquelina, um dos mais conhecidos da vila, diz que "facilmente se triplica o volume de negócio nos quatro, cinco dias do festival". "Temos de contratar pessoas para essa altura e só aí é que temos listas de espera. Quem não reservar espera 40 minutos por mesa", conta Carlos Teixeira. Na Pastelaria Conselheiro, o gerente Paulo Silva explica que, apesar de já ter muito trabalho duran-

te o resto do ano, por causa dos bolos que faz para casamentos, duplica a equipa: "somos 12 ou 13 durante o festival, e no resto do ano cinco ou seis".

Um pouco mais ao lado, na pizzaria Romântica, o dono Paulo Fernandes garante: "em Agosto facturamos sempre cinco, seis vezes mais". "Os festivaleiros aparecem aí pelas três da tarde, quando acordam. Os emigrantes vêm é menos cá com toda a confusão", assume.

Um festival com 30 mil estrangeiros

Os fundadores do festival criaram uma empresa, a Rítmicos, que assegura a gestão do evento. O Negócios falou com Filipe Lopes, responsável pela área financeira, que estima um retorno de seis milhões de euros do festival. Dos 100 mil festivaleiros, só 10% tinham menos de 18 anos, e "pessoas mais velhas indicam

“

Não estou a ver ninguém na zona que faça este investimento. Grande parte das despesas estão associadas à região.

FILIPE LOPES
Responsável financeiro da Rítmicos

Em Agosto facturamos sempre cinco, seis vezes mais.

PAULO FERNANDES
Dono da Pizzaria Romântica

”

maior poder de compra".

No recinto ouvia-se falar muito em espanhol – havia muitos estrangeiros? "Sim, 20% a 30% das pessoas, na maioria espanhóis". Mais números: "aumentámos os consumos, a litragem global, em 40%". Ainda mais: estima-se que tenham sido levantados quatro milhões de euros durante o período do festival – dividindo pelas 100 mil pessoas, significa que cada uma terá gasto em média 40 euros.

"Este é maior investimento privado em Coura", resume. Isto porque "grande parte das despesas de produção estão associadas à região". Exemplo: "se for ver os hotéis a Ponte de Lima, Viana do Castelo ou Valença, está tudo cheio".

O festival "emprega" quase mil pessoas, "400 de forma directa, contratadas por nós, dos quais 80% são da zona". O orçamento do festival foi, este ano, de 3,5 milhões de euros. ■

NÚMEROS

Um festival a movimentar milhões

Paredes de Coura cumpriu a 22.ª edição este ano. O festival não vive só de música e este ano bateu o recorde de participação.

100

MIL PESSOAS

A edição deste ano do festival Paredes de Coura recebeu 100 mil pessoas, 25 mil em cada um dos quatro dias.

4

MILHÕES DE EUROS

A organização estima que tenham sido levantados quatro milhões de euros no recinto e na vila.

40%

LITROS DE BEBIDA

Os consumos aumentaram 40% face a 2014. Foi esse o aumento da litragem global na edição deste ano.

1.000

FUNCIONÁRIOS

O festival só existe graças ao trabalho de 1.000 pessoas. Destas, 400 são contratadas directamente.

VÍTOR PAULO PEREIRA PRESIDENTE DA CÂMARA DE PAREDES DE COURA

“O festival representa 50% a 60% da facturação do ano”

A pequena vila de Paredes de Coura agiganta-se durante o festival, mas o presidente da câmara garante que o tecido industrial do concelho é pujante. Cinco fábricas do maior exportador de calçado estão lá.

BRUNO SIMÕES

brunosimoes@negocios.pt

O presidente da câmara de Paredes de Coura não é o autarca comum. Insurge-se contra o discurso politicamente correcto, assume que ganha mal, e admite que nunca pensou numa taxa turística. Na política há cerca de uma década, e à frente da autarquia há dois anos, Vítor Paulo Pereira é um dos fundadores do festival local, que catapultou, desde 1993, a pequena vila para a agenda mediática a cada mês de Agosto. Mas Coura não é só festival – também é indústria, ressalva. É a captar investimento que o autarca apresenta as principais credenciais.

Paredes de Coura é uma vila, longe da auto-estrada e no interior do Minho. Sem o festival dificilmente estaria no mapa.

Sim, do ponto de vista mediático seria difícil. Temos 9.600 habitantes, quando as pessoas vêm aqui ainda pensam que somos um concelho agrícola, mas não somos. Temos cinco unidades da Fly London [marca do maior grupo exportador do calçado português, Kyaia], uma empresa de um grupo francês que é a Dourdin, e captámos há pouco tempo um investimento de 32 milhões de euros de outra empresa francesa, a MGI Coutier [ambas do sector automóvel]. Eles estavam a pensar criar na altura 70 postos de trabalho, já vão em 170 e vão duplicar a fábrica. Num contexto de crise, Coura está a criar emprego.

Pode dizer-se que a principal indústria é o calçado?

Em postos de trabalho, há três empresas que empregam mais ou menos



“António Costa já prometeu que se no próximo ano for primeiro-ministro vai voltar ao festival.”

“As pessoas pensam que isto é uma vila pequenina, que sem o festival não há nada – e não é assim.”

o mesmo número de pessoas. Uma das coisas decisivas para conseguirmos captar estes grupos é a nossa velocidade institucional. É receber um empresário e perceber o tempo dele. Tenho de resolver os problemas e aí ganho respeito e consideração por parte dos empresários. Por outro lado, se um investidor quer saber a legislação de trabalho para investir cá, não lhe vou dar decretos. Vou dar-lhe folhas simples, traduzidas, resumos, quadros estatísticos, para eles perceberem.

Falando do município, recorreu a alguma das linhas de crédito do Estado para pagar a dívida?

A dívida é exigente, ronda os 7,5 milhões de euros. Recorremos ao PAEL, que permite a reestruturação da dívida e ter fôlego financeiro, para pelo menos no imediato não vivermos asfixiados. Houve presidentes de câmara que estavam em situações difíceis e, por estarem em período eleito-

ral, não recorreram ao PAEL, e hoje estão com mais dificuldades do que a nossa câmara. Temos um orçamento de 13 milhões. Estamos a pagar a sete dias aos fornecedores.

E o IMI, em que patamar está?

Está no mínimo e vai continuar no mínimo, 0,3%. E estamos a pensar baixar [a taxa para imóveis não avaliados].

No próximo ano, será possível às câmaras atribuírem um desconto às famílias com os filhos. Sim, e faz todo o sentido. Temos um apoio à natalidade, 1.000 euros por filho, mas isso não consegue aumentar a natalidade. Ninguém tem filhos pelos apoios pecuniários que as câmaras dão. Sei que há câmaras que fazem propaganda com isso. A demografia muda-se de forma estrutural. Mas quem tem filhos deve ser ajudado. Eu tenho e sei o que custa.

Ajudou-o a ser eleito o facto de ser conhecido, de estar envolvido no festival?

Ajudou. Isso só mostra que as pessoas têm respeito e consideração por quem gere o festival. Hoje as pessoas percebem que o festival, apesar de durar cerca de 15 dias, é uma indústria. Há cafés, restaurantes, casas e alojamentos para quem seria inimaginável que não existisse festival. O festival cria aquele optimismo; quando o negócio entra em período de estagnação no inverno, as pessoas pensam que vão compensar no festival. Eu reúno com as pessoas, uns dizem 60%, outros dizem 50%, mas ninguém me diz menos que isso. O festival representa 50 a 60% da facturação do ano só durante aqueles dias de Agosto!

Qual é a relação que existe entre a câmara e o festival?

É uma relação que foi sempre boa, porque o festival não atinge este patamar se a câmara não o apoiar. O apoio que a câmara presta ao festival, num orçamento [do festival] de 3,5 milhões de euros, é dos maiores negócios do país. Para fazeres uma feira do fumeiro gastas sempre 200 a 300 mil euros. Mas a câmara gasta à volta de 250 mil euros com o festival. E destes 250 mil euros, o apoio financeiro é de somente 80 mil euros. Como são os outros? Está protocolado: infraestruturas, casas-de-banho, vedações. Todo o material de apoio ao festival é a câmara que facilita: recolha de lixo, montagem de vedações, camarins, bilheteiras... é muito dinheiro, por isso é que o apoio da câmara é de 250 mil euros.

António Costa veio ver Tame Impala com um convite seu?

Sim. Ele no ano passado já cá tinha vindo na altura das primárias, recentemente voltou ao distrito e fiz-lhe um convite para vir ao festival. Já prometeu que se no próximo ano for primeiro-ministro vai regressar. Ele gosta de vir cá. ■